



JUNTOS PELO FIM DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

Cazenguinha

Jornal Quinzenal - Edição n.º 06 Ano 1 - Distribuição Gratuita

A Campanha Juntos Pelo Fim da Violência Doméstica busca envolver homens e mulheres em um esforço para:

- Questionar as desigualdades existentes entre homens e mulheres na família e na sociedade;
- Incentivar o diálogo dentro das famílias;
- Prevenir a violência doméstica.

A mensagem central da campanha é que **juntos**, todos os angolanos e angolanas podem resolver os problemas e conflitos familiares através do diálogo e do respeito, sem recorrer à qualquer tipo de violência, seja ela física, sexual, psicológica ou económica.



TUIKU KIAKAYAMA ELISA

“A violência doméstica deixa marcas profundas”

Somos felizes porque partilhamos!



**COMPASSIVO MC
ACABAR COM A VD
DEPENDE DE NÓS**

**ACTUALIDADE:
FALSO PASTOR
NÃO PERTENCE
A IGREJA MEIA**



**NOSSA CAMPANHA:
Mais de 20.000
jornais distribuídos**



Editorial

Caras leitoras e caros leitores,

Nesta edição, tal como na passada, vamos continuar a falar da violência. Queremos que fique cada vez mais claro que muitas das práticas que fazem parte do nosso dia a dia constituem actos de violência que não devem ser ignorados. É preciso termos coragem de pensar e agir de forma diferente quando vemos que certos comportamentos são prejudiciais a um determinado grupo ou pessoa.

Castigos físicos, ofensas, difamação, receber os bens das viúvas, sexo forçado dentro do casamento são actos que estamos habituados e ver e ouvir. Mas, alguma vez nos perguntamos se são boas práticas? Porque será que foi criada uma lei para o combater a violência doméstica? É muito cómodo dizer “as coisas sempre foram assim e eu não posso fazer nada pra mudar isso”. De facto, a violência sempre existiu mas, hoje as pessoas começam a perceber melhor o impacto negativo da mesma e as mais corajosas começam a questionar os seus actos e as situações que assistem ao seu redor. Essa análise é o primeiro passo para a transformação das práticas nocivas e o início da construção de famílias e sociedades mais justas e saudáveis, onde a violência é firmemente rejeitada.

Não importa de que forma ela venha vestida, não importa se é chamada de violência física, sexual, verbal, psicológica, patrimonial ou abandono familiar, a violência é um acto de desrespeito ao ser humano que tem como objectivo dominar, controlar ou intimidar o outro, impedindo-o de descobrir, desenvolver e usufruir de todas as suas potencialidades como membro de uma família, comunidade ou de um país.

Não vamos deixar que a violência se transforme na âncora que nos mantém parados no porto do subdesenvolvimento. É chegada a hora de içar as velas e partirmos para descobrir novas vivências.

Sabemos que é muito difícil remar contra a corrente mas não estás sozinho!

Ficha Técnica

Propriedade:
Projecto Respond / EH.

Redacção:
Analtina A. Guimarães
Aoaní d'Alva

Revisão:
Daniel Lima; Delma
Monteiro; Fábio Verani

Paginação:
André Suamino

Tiragem:
6000 Exemplares

Impressão:
EAL
Edições de Angola Lda.

Fala Então!

Você acha que a violência doméstica tem justificativa?



FERNANDO MANUEL - Para mim não há justificativa. A violência não deve ter lugar na nossa sociedade pois diminui a possibilidade de diálogo entre

as famílias, e aumenta o nível de crianças sofrendo e mulheres vitimizadas. Por estas e outras consequências a violência não pode ser justificável.

JOANA CRUZ -

Acho que não existe justificativas. Por isso é que existe o diálogo como a base fundamental dentro de todas as sociedades. É uma ferramenta muito boa que se tem usado pouco, uma forma de evitar qualquer tipo de violência. Violência Doméstica é crime!



FENEAS SIMÃO

- A violência só gera violência, todo acto que atente ou fere a pessoa deve ser punível porque pode causar danos irreparáveis como a morte,

traumas e lesões permanentes que marcam a vida de qualquer pessoa que tenha passado por uma destas situações. Não tem justificativa.

GEOVÂNIA JORGE

Não há justificativas para a violência porque nenhum acto que atente a vida ou a segurança da pessoa humana deve ser punida como diz a nossa constituição, até porque se fosse justificável a nossa constituição não a puniria.



Nossa Campanha



A campanha Juntos pelo Fim da Violência Doméstica está agora a terminar a sua segunda fase, onde focou na violência doméstica, depois de na primeira fase ter trabalhado a questão da igualdade de género. O projecto vai a seguir entrar na sua terceira e última etapa, o posicionamento em relação a violência doméstica.

As ruas do Colégio Madovijalau, das Antenas, do Toza, da Fabrica de Café, da Movicel, do Ngola Kiluanje, do Observatório da Mulemba, da Lagoa, do I.E.B.A,

do BIC, da Cidade de Deus, do Colégio Cristo Saúde, dos Telefones, da UCF e a Via Expresso Mercado dos Kwanzas, foram as 15 ruas do 11 de Novembro que receberam o material da campanha.

Durante estes quase quatro meses de acção, foram realizadas 338 visitas domiciliaries, onde os activistas falaram sobre a questão da violência doméstica aos moradores do 11 de Novembro. As ruas onde mais se fez essas visitas foram a rua da Movicel e a Via Expresso do Mercado dos Kwanzas.

Foram identificados e criados 80 pontos de distribuição do material da campanha. Até a data do fecho desta edição, tinham sido distribuídos 21581 jornais, 3105 desdobráveis, 7518 bandas desenhadas, 373 camisolas, 111 bonés e 1948 autocollantes, além dos 651 cartazes que foram colados e ofertados. Em termos de distribuição do material, as ruas onde ela é maior, são a Ngola Kiluanje e a Via Expresso do Mercado dos Kwanzas, mostram as pesquisas.



Notícia da campanha

Já está nas ruas do 11 de Novembro a continuação da história da família Nzangi. O Despertar de Mica. Nesta estória Mica resolve mudar de atitude em relação as desigualdades na sua família e começa a agir. Tem havido várias reacções, muita gente apoiou a mudança da Mica, outros questionaram. Há muito debate e as pessoas estão bastante curiosas para saber o que vai acontecer na próxima Banda Desenhada. O que será que vai acontecer no próximo número? Aguarde para ver!

Actualidade

FALSO PASTOR NÃO PERTENCE A IGREJA MEIA

(continuação da matéria Falso Pastor viola criança)

O Cazenguinha trouxe, na edição passada, a história de uma menina de 8 anos, alegadamente abusada sexualmente, por um homem de mais de 40 anos, que se apresentava como pastor Justino, no bairro 11 de Novembro, no Cazenga.

Tendo recebido informações de que o falso pastor pertencia a Igreja MEIA, o Cazenguinha contactou a instituição religiosa que recusou ter qualquer tipo de relação com o mesmo. O jornal falou com o Apóstolo Manianga, responsável pela Igreja, que negou a existência de algum vínculo com o suspeito de violação. “O suspeito tinha uma cantina aqui perto, pode ter vindo daí a confusão”, esclareceu o religioso.



A mãe da criança acrescentou que a igreja onde o senhor dizia ser pastor fica localizada no bairro da Petrangol. Mesmo depois de ter passado por um processo de acareação com

a vítima, o suspeito continua a negar que tenha cometido o crime. O presumível autor do crime continua detido e aguarda julgamento, ainda sem data marcada.

ERRATA

Na edição passada a foto da Igreja MEIA foi publicada na capa do nosso jornal, ao lado da foto da menina que foi violada por um falso pastor. Isso causou sérios constrangimentos a referida igreja. A foto em questão era um arquivo para esta edição, onde pretendíamos ouvir a posição da Igreja MEIA já que chegou-nos a informação que o falso pastor pertencia a mesma. Pelo sucedido a equipa do Cazenguinha pede desculpas públicas a Igreja MEIA e seus crentes.

Figuras do Cazenga

COMPASSIVO MC

O músico conta que começou a cantar o estilo Rap no fim de 1999, influenciado pelo sucesso que o grupo SSP fazia na altura em Luanda. “Comecei na mesma altura a fazer grafite nas paredes nas ruas do meu Cazenga. Depois passei a activista social (porque os Rappers são essencialmente isso)”, conta o jovem. Nas suas letras o músico procura passar uma “mensagem positiva, de esperança, irmandade, tolerância e do resgate aos valores morais que se perdem a cada dia que passa”. Compassivo MC acredita que devido ao momento crítico que Angola vive e tendo em conta a influência que os rappers podem ter sobre as pessoas, é sua obrigação ter um posicionamento

coerente, lógico e construtivo.

No que toca a Violência doméstica, o rapper é directo. “Violência doméstica é covardia, é a negação ao diálogo e ao consenso”, afirma. “Se conversássemos mais uns com os outros e fôssemos mais modestos connosco próprios, certamente os números em termos de violência doméstica seriam mais reduzidos. Como munícipe acredito que a violência doméstica no Cazenga é preocupante e quase o nosso pão de cada dia. As autoridades competentes podem tomar medidas sérias para esses casos, mas nada vai adiantar se as pessoas não mudarem a sua mente. Na minha modesta opinião devemos dialogar mais e nos esforçar por mudar o nosso comportamento.” Conclui o rapper.



Contos da Minha Banda

Vida de Zungueira

Já estava escuro, deviam ser 20h quando Nzinga e Belita desceram do táxi, na entrada da rua onde moravam. O cobrador ajudou-as a descarregar as bacias ainda pela metade, de maçãs e laranjas. Tinham saído de casa de manhã cedo, ainda estava escuro e passado o dia todo a zungar na cidade. O dia tinha sido bom. Venderam as frutas que tinham e metade do novo facturamento. Mas Nzinga estava preocupada...

- A essa hora, o Beto já deve estar bem chateado. Assim, é já confusão hoje. Comentou Nzinga

- Mas chateado porquê então mana? Até vendemos bem. Perguntou Belita.

- Ele é mesmo assim. Quando chegamos a essa hora começa a dizer que fui procurar outros caminhos. Pior então se tomo uma fresquinha pra relaxar. Basta ele sentir o cheiro, é maka! Continuou Nzinga preocupada.

- Mas ele não tem motivos para ficar chateado! E ele sabe como a tua zunga ajuda lá em casa. Eh! O Nvula não me faz isso. Quando ele vê que já são 17 ou 18 e ainda não cheguei, se preocupa já em ver o que vamos jantar. Se tem alguma coisa em casa ele mesmo começa a preparar. Se for naqueles dias que eu é que tenho que trazer o jantar da zunga, ele me ajuda a preparar pra despacharmos mais rápido.

- Uh, a sério mana? O Nvula é bom...

- Assim hoje, vou já encontrar a comida feita. Como deixei já o peixe preparado, ele já fritou, fez a massa e o molho de tomate. Se demoro muito ele come já com as crianças, mas as vezes até me espera pra comermos juntos e conversamos enquanto lavamos a louça. Ele me conta as coisas que aconteceram no táxi e eu lhe conto como foi a zunga.

- Mas lavam os pratos juntos ou você é que lava?

- Juntos. Há dias que eu chego mais cedo e faço tudo sozinha. Quando estamos male lá em casa, ele estica pra fazer um dinheiro extra depois de fechar a conta do patrão. Quando as coisas estão normal, ele ajuda nos trabalhos lá em casa e a cuidar das crianças. As vezes também, só sentamos e ficamos a conversar até as tantas. Depende do dia e do cansaço - Explicou Belita

- Meu marido mesmo? Cozinhar? Nem pensar! Eu assim quando chegar, as crianças estão a minha espera pra comer. Ele vê mesmo as crianças com fome e não se mexe. E ainda quer fazer confusão comigo quando chego. Amanhã vou te contar...

- Vou falar com o Nvula para conversar com o Beto, como são colegas se entendem bem. Quem sabe ele muda um pouco.

- Eh mãe! Não faz isso, vai achar que falei mal dele, outra maka mais! Semana passada já me deu uns bicos...uh, deixa só assim. Eh olha a hora, tchau pá, eu mbora não tenho um Nvula lá em casa pra me ajudar.

- Tchau Nzinga, amanhã!



Reflexão

Apesar de trabalharem juntas, viverem no mesmo bairro e partilharem as mesmas dificuldades familiares, a vida de Belita e Nzinga é muito diferente. Enquanto chegar em casa um pouco mais tarde significa surra para Nzinga, para Belita significa apoio do marido já que este consegue perceber que a mulher teve um dia pesado no trabalho.

Os problemas que as famílias vivenciam são bastante similares, a grande diferença é a forma como cada uma decide encarar e resolver estes problemas. Dar as mãos e resolver juntos, como Belita e Nvula fazem, é sempre a melhor opção. Beto bate em Nzinga porque ela chegou tarde. Ela ficará em casa porque está com dores e não pode zungar. Resultado: faltará comida em casa. Se ela se esforçar e ir trabalhar mesmo com dores não terá forças para zungar, venderá pouco e com receio de voltar em casa sem nada zungará até mais tarde. Resultado: chegará em casa tarde, sem lucro e com mais dores ainda.

Face as dificuldades é importante questionarmos se as nossas acções nos levam a resolução do problema ou se cria novos problemas. Pense nisso!

Tuiku Kiakayama Elisa**Secretária-Geral da UCF**

O Cazenguinha conversou com a Secretária-Geral da União Cristã Feminina sobre as formas da organização lidar com a VD no Cazenga.

Como é que a UCF vê o problema da violência doméstica no Cazenga?

O problema da violência doméstica no Cazenga é muito grande, segundo dados estatísticos que nós recebemos do MINFAMU no ano passado. Com este trabalho que esta sendo feito, ainda não sabemos o que mudou. Precisamos entrar em contacto novamente com eles para ver quais são os dados estatísticos deste ano. Mas a violência cá no município do Cazenga é mesmo frequente e é a zona com maior número de casos em Luanda.

Existem na UCF pessoas preparadas para lidar com o tema da violência doméstica?

Existem activistas preparados sim, pese embora só estejamos ainda no bairro 11 de Novembro. Mas penso que isso vai se alargar para as outras comunas. Nós trabalhamos e pretendemos trabalhar em todo município do Cazenga. Já temos mais de 30 jovens activistas formados e mais de 50 pessoas trabalhando no processo de sensibilização.

São só jovens?

Naquilo que é a nossa programação, temos dois projectos sobre a violência, dentre eles um patrocinado pela Embaixada francesa este ano, onde formamos mais de 20 mulheres mais velhas que estão a trabalhar nesta fase nas igrejas. Porque as igrejas muitas das vezes ficam longe do combate à violência pensando que as pessoas da igreja não sofrem ou praticam violência. Então estas mulheres trabalham na sensibilização das mães dentro da igreja. No momento dos cultos, pedimos pelo menos 10 minutos onde falamos sobre a violência. Temos encontros de 3 em 3 meses e recebemos os relatórios por parte delas, a maior parte deles são sempre negativos. Muitas das vezes as pessoas não sabem de concreto o que é a violência. Muitas das vezes a nossa cultura e as nossas tradições levam-nos à violência, pensamos que são actos normais mas é violência.

Que tipo de apoios as vítimas geralmente procuram?
Geralmente precisam mais de apoios psicológicos.



Já tivemos um caso de uma mulher violentada, no ano passado, e nós orientamos o que ela deveria fazer. Conseguimos dar-lhe formação de informática e ela conseguiu emprego em Cacucaco apesar do marido lhe ter abandonado, ela pode cuidar dos filhos.

Muitas das mulheres sofrem de violência doméstica por falta de apoio económico e poder de decisão. Isso faz com que elas fiquem subordinadas aos maridos, mesmo que aconteça alguma coisa, ela nunca sabe o que fazer.

Que outras organizações prestam apoio à vítimas de violência doméstica aqui no Cazenga?

Não conheço outra organização que faz isso aqui no 11 de Novembro. Mas em outros bairros do município tem, uma dela é a FOJASSIDA. A nível do CICA, existe um programa, então nós vamos trabalhar em colaboração com eles.

Que mensagem a UCF deixa para as vítimas de VD?

Para as vítimas, podemos dizer que quando uma pessoa está a ser violentada, vale a pena levar o caso pra instâncias superiores porque isso é algo que causa danos na vida da pessoa e muitos morrem sem sabermos o porquê. Aconselhamos as vítimas a procurarem sempre todo o tipo de apoio, para que a pessoa que pratica a violência receba aquilo que merece receber e mude de comportamento, porque nós também apelamos a mudança de comportamento dentro da nossa comunidade.

JOÃO E ZINHA RESPONDEM



Olá leitores e leitoras do Cazenguinha! Muito obrigada pelas mensagens, Infelizmente este espaço é insuficiente para respondermos a todos por isso passaremos a responder algumas perguntas na nossa página do Facebook onde vocês são todos muito bem-vindos.

O meu vizinho bate o muito na mulher o que devo fazer? (Francisco Domingos)

Amigo Francisco, A violência doméstica é um crime público e isso quer dizer que qualquer pessoa que presencie ou tenha conhecimento pode e deve denunciar o caso a Polícia porque é um crime contra o Estado. Assim, te debes dirigir a esquadra de polícia mais próxima e fazer uma denúncia. Como é um crime público não precisa que a vítima vai a es-

quadra e faça uma queixa. Uma denúncia é suficiente para que a polícia se desloque até ao local, faça investigação e abra um processo caso verifique a veracidade da Denúncia. **ATENÇÃO:** A tua denúncia pode ser anónima!

Quem denuncia mais, homens ou mulheres? (Samuel Manuel)

Amigo Samuel, as mulheres são quem mais denunciam. Anualmente 2000 mulheres denunciam situação de violência doméstica. Este número está longe de ser o número real de crimes de violência doméstica. São muitos os casos que são resolvidos em encontros familiares e muitos outros que não chegam sequer ao conhecimento dos familiares mais próximos. É importante ter em

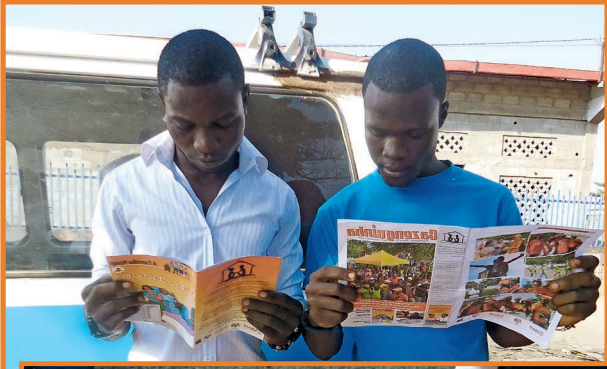
conta que as muitas vítimas não denunciam por vergonha, medo ou por dependerem economicamente do seu agressor.

Depois da denúncia a vítima pode desistir da queixa? (Anónimo)

Amiga/o, antes de responder a sua pergunta gostaria de esclarecer o seguinte: quem faz denúncia é alguém que ouviu, assistiu ou teve conhecimento do crime. Quem faz queixa é a vítima. Segundo a lei 25/11, Lei da Violência Doméstica, em qualquer fase do processo a vítima pode retirar a queixa mas a grande maioria dos crimes de violência doméstica não admitem desistência. Isso quer dizer que, ainda que a vítima retire a queixa o agressor vai responder a um processo e pagar uma indemnização para a vítima.

Envie sua pergunta sobre relacionamentos, namoro, casamento, família, igualdade de género e violência doméstica para ser respondida aqui!
E-mail: campanhajuntos@gmail.com;
Facebook “Campanha Juntos Pelo Fim da Violência Doméstica”
Telefone: 946 779 349

Passatempo



É VIOLÊNCIA...

BATER-ME

GRITAR COMIGO

OFENDER-ME

MALTRATAR-ME

USAR O MEU CORPO

VIOLAR-ME

IMPEDIR-ME DE TER AMIGOS

Sopa de letras

O A N I S G V C S D I B A S C
 Z K B N C E X E V L D C Z L F
 N A B A R J G M T C I T A G O
 S K R B N S I S N G J C K U U
 L Z A N D D V T Ó N L F F T E
 U L N B U P O L M J Y Í J Q O
 H N W B L N O N V S E S H S Q
 Y W O R N C H H O T X I S N U
 P A T R I M O N I A L C R U H
 O I K S L A U X E S E A D Z J
 P E P K V I Z D J M D A Z M G
 T O I Z C L J E U M X Q H X N
 P D A D A I O U Q B W J O P S
 T A S B A M R G F T P L Z Q S
 E U O F G E S B A I G I M A X

Tente encontrar nesta sopa de letras seis ingredientes que continuam violência doméstica:

- Abandono (familiar)
- Física
- Psicológica
- Sexual
- Patrimonial
- Verbal